



## REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA OBRA DE J. M. RUGENDAS E NOS GRAFITES CONTEMPORÂNEOS: O USO DAS ICONOGRAFIAS COMO FONTE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3422

Ana Paula de Souza, UNESPAR  
Anny Caroline de Carvalho Botelho, UNESPAR  
Caroline Vieira Pereira Barbosa, UNESPAR  
Eulália Maria A de Moraes, UNESPAR  
Ricardo Tadeu Caires da Silva, UNESPAR

### Resumo

A aprovação da Lei 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 incluindo no currículo oficial a obrigatoriedade da temática História Africana e Cultura Afro-brasileira assinalando intenções de superação do racismo. Desta forma, buscando contribuir para com mudanças substanciais nas práticas historicamente construídas, trazemos a reflexão da consciência política e histórica da diversidade no ensino de História. Com este objetivo analisamos duas fontes documentais. 1. As iconografias, do século XIX, de Johan Moritz Rugendas – que esteve no Brasil no período de 1822-1825, retratando povos, costumes, cotidiano, em especial da mulher escrava em um cenário heterogêneo, paradoxal, marcado pelas contradições deste período da Idade Moderna. 2. Os grafites de representação iconográfica Afro, expressões de arte que se inscrevem nas ruas, nos edifícios das grandes metrópoles e nos viadutos do Brasil. Com base na fundamentação teórica dos elementos constitutivos da Cultura Africana buscamos a compreensão das linguagens e expressões culturais da nossa sociedade na arte, componente metodológico para a abordagem da História. Ao historicizar e problematizar noções de cultura, arte popular e/ou erudita, Nestor Garcia Canclini (2008) apresenta o conceito de “Culturas Híbridas”; entrelaçamentos dos usos populares, cultos, massivos ou recepção e apropriação simbólica. Tais entrelaçamentos encontram-se presentes desde o processo de colonização quando a tríade, Europa, África e Americana se encontraram, ou seja, diferentes culturas, diferentes etnias foram absorvidas e apresentaram a maior expressão de latinidade: a Miscigenação. Neste aspecto, os grafites de representação afrodescendentes colorem as ruas e fortalecem o movimento

### Palavras Chave:

Lei nº 10.639/03; Ensino de História; Mulheres Afrodescendentes; Iconografia do Século XIX; Grafites do Século XXI.

## Justificativa

Este trabalho tem por justificativa a aplicação da lei 10.639/03 sancionada em 2003 alterando a Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996 ao instituir a obrigatoriedade do Ensino de “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” para o ensino Fundamental e Médio, público ou particular. As medidas impostas pela Lei é de suma importância para o conhecimento e valorização da herança cultural africana partícipe da formação da sociedade brasileira desde os primeiros séculos de colonização, com a chegada dos africanos como mão-de-obra escrava. Neste sentido a Lei 10.639/03 em aplicação oferece novas reflexões, propõe revisão historiográfica para os livros didáticos e lança um grande desafio para os cursos de licenciatura em geral: desvendar o percurso histórico brasileiro com novos sujeitos que compõe história africana e afro-brasileira.

O que propomos aqui narrar são experiências docente que envolve acadêmicos, coordenadores e supervisores que fazem parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O Curso de História da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/ Campus de Paranaváí desenvolve o subprojeto PIBID "História da África e da Cultura Afro Brasileira: conhecendo nossas raízes". O subprojeto envolve acadêmicos dos cursos de licenciatura como bolsista (ID), neste caso o Curso de História tem no Colégio Estadual Curitiba escola parceira – instituição de Educação Básica de ensino público. Foi com os alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Curitiba – do Município de Paranaváí, Pr – que desenvolvemos plano de aula e oficina, apresentando estudo de História utilizando as iconografias do século XIX e as artes de rua contemporâneas (grafites) como fonte documental. Intentamos estudos da História e análise da condição sociocultural afro-brasileira nos dois espaços temporais.

Na análise, em questão, consideramos as grandes discussões que perpassam todos os dias (do século XXI), a condição da mulher negra ou afrodescendente na nossa sociedade enquanto nas escolas muitos educadores não consideram que discutir questões raciais é tarefa das escolas, da educação escolar. Um despreparo e incompreensão sobre o que fundamenta a formação histórica da sociedade; grandes equívocos sobre a autonomia do professor que se permite à omissão quando as meninas brancas adjetivam a colega negra carregando nas expressões de preconceito.

Observando que as crianças levam para a escola preconceitos, valores equivocados, como constructo de sua educação doméstica é dever da escola fazê-los refletir para o respeito às diferenças, educá-los para cidadania; é imprescindível flexibilizar o tempo escolar proposto pela LDB para momentos participativos, trazendo para o debate as questões do cotidiano negro presente no século XIX e XXI. A necessidade de desmistificação da ideia de subserviência historicamente construída; analisar as resistências que atravessam séculos e são um convite à autoestima e rompimento com padrões estereotipados de beleza e arte. Mostramos que a cultura africana resistiu e perseverou através dos séculos e isso pode ser exemplificado com iconografias.

### **Objetivo 01: O livro didático & o uso da iconografia do século XIX como fonte documental no ensino de história.**

Refletindo essas questões, objetivamos apresentar a resistência da mulher afro-brasileira em dois períodos: no século XIX e na atualidade. Para isso, nossos objetos de estudo e análise estão fundamentados primeiramente nas iconografias de Rugendas, em cuja representação cotidiana o negro aparece no século XIX. Em um segundo momento, buscamos a representação do

negro na arte de rua, mais especificamente as “grafitagens”.

Na busca da iconografia do século XIX, observamos que as iconografias estão presentes em vários livros didáticos para diferentes espaços e temporalidades e com finalidades diversas. No que diz respeito à representação do negro as iconografias mais utilizadas são as de Jean-Baptiste Debret e de Johann Moritz Rugendas, artistas do século XIX. Nos livros didáticos que antecedem o ano de 2003 as iconografias dão a entender a separação entre a casa grande e a senzala, sendo que os negros são representados como mártires, sofredores e cativos (FREIRE, 2004). Nas produções didáticas após a Lei 10.639/03 os negros estão representados como resistentes e donos de sua própria história, mesmo contendo as imagens icônicas como a do “Navio Negreiro”, tela de 1830 de Rugendas e o “Escravo no Tronco”, sendo açoitado, gravura de 1835 de Debret. Outras imagens estão presentes nos livros didáticos como, por exemplo, a do jogo de capoeira de Rugendas, a tela mostra os batuques e a moradia dos escravos desmistificando a ideia de que a sociedade era apenas dividida entre senhores e escravos e trazendo à tona a diversidade social tanto no período colonial quanto no período do império (PELLEGRINE et al., 2016).

O livro analisado mais detidamente, foi justamente o utilizado pela turma de 8º ano, de ensino Fundamental, turma na qual foi aplicada a oficina; livro didático da coleção “Vontade de Saber” dos autores Marcos Pellegrine, Adriana Dias e Keila Guinberg (2016). Neste livro a história do negro se inicia a partir do capítulo intitulado “A independência do Brasil”, capítulo em que Debret é reconhecido como um pintor do cotidiano, em cujas iconografias são possíveis analisa a sociedade. Este livro, em especial, dá um viés para o professor através das iconografias para o estudo desse cotidiano, não só com a presença

dos negros, mas também com a representação de mulheres e crianças, trazendo possibilidade de uma leitura de imagem em o aluno negro poderá se encontrar como sujeito da história (PELLEGRINE et al., 2016).

A partir deste capítulo podemos observar uma discussão referente a resistência negra e a representação do negro nessa resistência. O primeiro tópico a se tratar desta resistência é o que refere ao Levante do Malês. Sobre as iconografias utilizadas no decorrer do livro, em sua maioria, a autoria é de Debret, mas quando se trata de discorrer sobre as etnias africanas que para cá foram trazidas as imagens utilizadas são as iconografias de Rugendas. Destas iconografias demos destaque para as que representavam a mulher, sendo que o artista representou as mulheres das etnias Mina, Monjolo e Benguela.

Outro momento em que as mulheres aparecem representadas, no livro didático, foi através de uma negra que viveu no século XIX chamada Emerenciana. Neste tópico a mulher é retratada como uma mulher que lutou pelos seus direitos e como ela foi importante para o Levante do Malês e, além disso, foram subversivas as regras impostas em sua época. Um ponto importante a ser colocado é o uso das imagens como atividade de interpretação da sociedade da época, neste caso usou-se a iconografia de Debret. Aparecem no livro didático, em análise, vários tópicos direcionados a vivência negra e suas formas de resistência, listando a religião e a capoeira com tópicos próprios a resistência, também se fala sobre as fugas e os quilombos.

Sobre este livro tecemos algumas considerações: Em primeiro lugar o livro didático apresenta excelentes propostas e está consideravelmente sintonizado com a História Cultural e a apresentação de novos sujeitos da História o que coloca o negro como protagonista de sua liberdade e história e retrata as mulheres em vários

momentos históricos. As iconografias de Rugendas estão em menor número que as de Debret, já consagrado nos livros didáticos. Rugendas tem a representação histórica por meio de suas iconografias apenas em dois momentos: Quando a obra faz referência às etnias africanas e em um segundo momento ao abordar a capoeira e as formas de resistência. No que diz respeito à resistência da mulher negra não há uma iconografia específica, mas é possível observá-la nas iconografias que retratam o cotidiano. Há uma representação das mulheres negras com turbantes, em seus trajes africanos adornados por uma joalheria diferente da europeia, negras na colheita do café e negras nas rodas de capoeira. Desta forma, por meio das iconografias fizemos uma leitura do cotidiano das mulheres negras dos séculos de colonização escravista com demonstração de resistência, fazendo sobreviver sua cultura que se adaptou e sincretizou tornando parte essencial da cultura brasileira que conhecemos hoje (PELLEGRINE et al., 2016).

### **Objetivo 02: O ensino de História & o uso do grafite contemporâneo como fonte documental no ensino de história.**

O grafite é expressão de arte mais contemporânea que podemos encontrar na atualidade embora tenha surgido em 1970, nas ruas de Nova Iorque, Estados Unidos. No Brasil chegou ao final da década 70, em São Paulo e tinha como expressão maior, a crítica à repressão militar. Aquilo que inicialmente era considerado “marcas na parede” ganharam técnica, evoluiu como expressão e linguagem artística e hoje, no Brasil, alguns artistas da Grafiteagem são referência reconhecidos entre os melhores do mundo. Segundo Maria Helena Abadesco Cardoso (2016), como expressão de arte cotidiana ele (o grafite) está presente desde as obscuras Cavernas da Pré-História. Como expressão e linguagem artística o grafite está de alguma

forma em sintonia com registros que denunciam preconceitos e injustiças sociais; neste sentido, os artistas apresentam sua linguagem intencional para interagir com a sociedade urbana (CARDOSO, 2016). Os desenhos geralmente retratam temas que verbalizam a violência, a paz, o amor, os contrastes sociais, o “gigantismo” da beleza afro-brasileira que, interage e ganha movimento dando o toque metropolitano para a cidade.

Na última fase desta oficina utilizamos nas artes, o grafite, como expressão e linguagem artística de rua para demonstrar, ainda mais uma vez, a linguagem não verbal, a comunicação por meio das imagens, imagens essa que interagem com a sociedade, dialogam, oferecem informação, resistem. Se em nossos objetivos iniciais ficou definido que trabalharíamos a resistência da mulher negra na sociedade brasileira do século XIX até a contemporaneidade, ao optarmos pela expressão artística mais popular de nosso século (XXI), os grafites de rua das grandes Metrôpoles brasileira, buscamos a expressão feminina (afrodescendente) na representação gráfica de rua. Nossa surpresa foi além do proposto. Não só encontramos a representação da mulher negra nas “grafitagens” das ruas, mas mulheres negras “grafiteiras”.

Não foi difícil frisar a resistência atual do poder feminino na arte do grafite. Demonstrando por meio da arte da “Grafiteagem” executadas por mulheres negras –na arte e nas artistas a representatividade e força da mulher na resistência atual. Não apenas nas artes, mas, também, na expressão corporal o orgulho das origens africanas. Iniciamos nossa segunda etapa da abordagem de ensino de História, ainda, utilizando a arte, desta feita com os grafites. Apresentamos aos alunos do Colégio Estadual Curitiba a arte naquilo que ela tem de maior expressão popular e acessibilidade às camadas mais pobres: O Grafite de rua.

Apresentamos aos alunos a artista de rua, a “grafiteira” de 25 anos, Tainá Lima, mais conhecida como Criola. Em sua arte ela explora as cores fortes que dão o tom da nossa tropicalidade e mestiçagem; com elementos bem brasileiros seu compromisso é também a luta política para fortalecer a mulher negra<sup>1</sup>.

### **Relatos da Oficina: A representação Negra nas Iconografias do Século XIX e a contemporaneidade dos Grafites**

Antes de iniciarmos esta oficina fomos além da análise do livro didático, analisamos o perfil dos alunos. Constatamos que a maioria da turma deste oitavo ano seria classificada como negra, mas que não se autodenominam negros; cerca de 30% dos alunos são criados apenas pelas mães; outro fator importante é que em sua maioria não há consciência da afro descendência, meninas modificam seus cabelos, confessam o desejo de afinar o nariz e não gosta de seus lábios grossos.

Previamente pesquisamos de que forma que esses alunos enxergavam os negros, qual era a visão a respeito da resistência negra e o papel das mulheres neste processo? Descobrimos uma visão estereotipada. A mesma visão que persistiu durante séculos, de um negro que não resistiu, que eram explorados e “ganharam” a liberdade através da lei áurea. Alguns falaram dos Quilombos e de Zumbi, mas para eles esta luta era abstrata, não tem uma forma e um poder de fazê-los pensar em uma herança de resistência e de força. Ainda persiste a construção do negro escravizado eternizado pelas iconografias do pelourinho, da punição no tronco, do navio negreiro e da chibata como representação da história negra no Brasil. Nosso objetivo maior ao aplicar a oficina foi justamente desmistificar essa ideia de subserviência do negro e mostrar

para estes alunos que enquanto escravos resistiram de diversas formas. Em outro momento fazê-los compreender a construção da sociedade brasileira de forma miscigenada, multicolorida; entender as origens afrodescendente e a herança de força e resistência.

Figura 01:



Fonte: Rugendas, 1830

Iniciamos com nossos trabalhos com as iconografias de Rugendas. Por meio delas mostramos o cotidiano da vida negra no século XIX em cada detalhe da representação. Utilizamos das iconografias para aguçar o interesse dos alunos e estimulá-los à interpretação deste cotidiano desafiando-os. As primeiras imagens que expusemos foram justamente as que estão presentes no livro didático e se referem as etnias africanas trazidas para o Brasil.

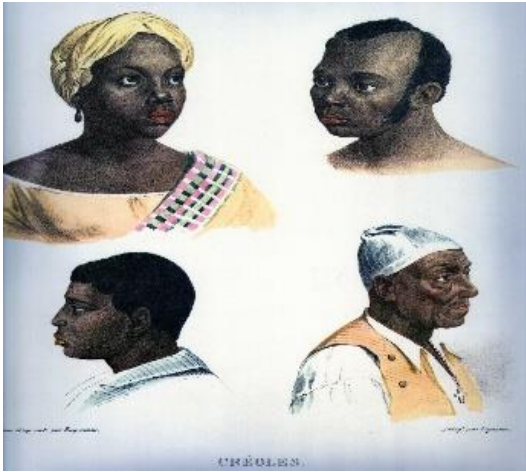
Através destas imagens abordamos as diversidades e as diferenças. Consideramos a importância de por meios das imagens ressaltarmos a condição de continente da África e a pluralidade africana que se fez presente em nossa formação. Ainda explorando as imagens frisamos nos trajés das negras, nos turbantes nos adereços e características, como as marcas corporais. Em seguida apresentamos uma iconografia que da

<sup>1</sup> Ver

<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-a-grafiteira-criola>

colheita de café, e nela a presença das mulheres em maior número que a dos homens.

Figura 02:



Fonte: Rugendas, 1830

Com a iconografia analisamos o trabalho das mulheres, apresentando ao aluno as mulheres como trabalhadoras nas colheitas e responsável pelos cuidados com os filhos; utilizamos da analogia com o presente e trouxemos à tona o debate sobre jornada dupla ou tripla das mulheres da atualidade. Muitos destes alunos se identificaram com esta situação comparando sua mãe às escravas anônimas colhendo o café.

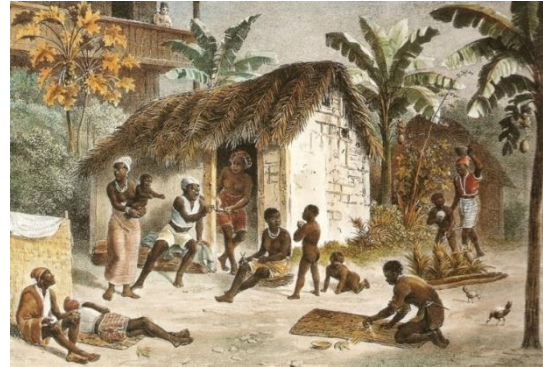
Após o debate inicial seguimos com a próxima iconografia de Rugendas e a imagem utilizada foi “Moradia de Escravos”. Com esta imagem confrontamos a ideia que escravos não tinham família, que todos os escravos estavam sujeitos a senzala, onde ficavam aprisionados sem laços afetivos, liberados apenas para trabalhar.

Abordamos o papel da mulher como dona de casa, falamos das famílias de escravos, estimulamos os alunos a observarem o descanso, a separação quando se vê a negra na cabana e a Senhora da casa grande no peitoral de sua luxuosa casa.

Através deste livro passamos para os alunos que não só o embate ou as fugas eram formas de resistir, mas que existiam alguns “direitos” adquiridos

através de lutas, greves de fome, negociação e resistência. Entre estes direitos se encontra o de ter uma moradia própria, um dia de descanso ou um lugar para se plantar para sua sobrevivência e, além disso, para ter um meio de adquirir sua alforria.

Figura 03: Moradia de escravos,



Fonte: Rugendas, 1835.

Após os debates situados no século XIX iniciamos abordagem sobre a resistência, de fato, dando o tom da atualidade. Conduzimos os debates para as análises das práticas que perduram até os dias atuais e que nas iconografias de Rugendas, elas estão situadas no século XIX. Na segunda parte escolhemos as iconografias que representassem as resistências e sempre fazendo com que o aluno perceba a presença feminina. As iconografias utilizadas neste segundo momento da oficina foram: Negro e negra na Bahia. Aí sim, apresentamos aos alunos a artista de rua, a “grafiteira” de 25 anos, Tainá Lima, mais conhecida como Criola, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Ao mostrar estes grafites e outros que representam a mulher negra como todos os seus traços de empoderamento pleno de força geramos na sala uma comoção e um profícuo debate acerca da representatividade negra nos meios de comunicação, nas propagandas e nas redes sociais. Além disso, também comparamos os traços étnicos registrados por Rugendas e os biótipos desenhados pelas grafiteiras. O que ficou bem nítido é que para os alunos a cultura do grafite é uma cultura



marginalizada, alguns destes alunos citaram a questão do apagamento dos grafites em São Paulo. Foi necessário desmistificar e colocar o grafite como arte e para isso utilizaram as pinturas de Rugendas como um comparativo onde os próprios alunos viram as semelhanças nos traços. Esta última etapa foi extraordinário, o debate se fez acalorado, nos permitiu refletir as resistências cotidianas de suas mães e a sua própria resistência contra um racismo convencional há séculos. O uso da imagem propicia o contato com um realismo que desperta emoções, produzem em nossos sentidos lembranças, indignações, um canal que nos coloca em contato com memórias e imaginários; um contato com este passado que se reflete nas artes contemporâneas.

Comparar os grafites atuais com as iconografias de Rugendas encurtou esta distância e fez com que os alunos tivessem a percepção de que a arte tem uma representatividade tempo/espacial, mas pode transpor esta temporalidade com mensagens que nos informa, denuncia, narra, produz emoções e desperta sentidos. Nas iconografias de Rugendas ou nos grafites de “Criola” a arte registra, propõe, conta história, apresenta sujeitos que estiveram ocultos nos documentos oficiais, sugere cidadania.

### Relatos das Atividades

Para finalizar a oficina propomos atividade lúdica, desafiando os alunos a criar a sua própria arte, sugerindo que esta representasse a resistência negra de acordo com a sua percepção, levando em conta tanto os grafites quanto as iconografias. A ideia inicial era criarmos um mural, mas tonou-se inviável devido à falta de estrutura e espaço físico da instituição. Pensamos em propor a arte em tecido, em estampas de camisetas, mas essa alternativa não pode ser realizada devido a escola apresentar índice de desenvolvimento da educação básica – (Ideb) abaixo da meta (5,2), ou seja, as

condições socioeconômicas do público escolar é de baixo poder aquisitivo. Esclarecemos aqui que o subprojeto PIBID busca estas escolas para parceiras de Iniciação a docência (ID). Trata-se, de uma das exigências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Consideramos o critério estabelecido justo. Relatamos aqui os episódios das dificuldades das atividades, justamente, para expor o cenário real das instituições públicas periféricas.

Figuras 03 e 4: Rugendas & Grafite de rua.



A solução encontrada foi a utilização de papel sulfite, papel Eva, tinta e a disponibilidade de materiais dos próprios alunos: lápis de cor e canetas coloridas. Como, a ideia inicial era fazer a atividade de arte nas paredes ou nas camisetas havíamos construído moldes e estes foram utilizados pelos alunos de várias formas, para o contorno dos desenhos e em outros momentos apenas como base para a arte. Um fato interessante foi a ideia de uma aluna utilizar as flores das árvores para cobrir os cabelos de seu desenho assim como ela havia visto em um dos grafites.

Figuras 04 e 5: Oficina Pibid & Grafite de Criola.



## Resultados e considerações finais

Os resultados foram surpreendentes, na atividade lúdica observamos o uso dos traços negros, o poder das cores, dos turbantes e o cabelo crespo volumoso como sinal de empoderamento. Após a oficina percebemos certa naturalidade na aceitação dos traços negros. Nos dias sequenciais da presença do grupo PIBID na escola observou-se meninas negras assumindo o volume de seus cabelos crespos e outras dando depoimentos de aceitação e se orgulhando de suas origens. Sabemos que há muito a ser feito ainda, que comportamentos seculares não são descartados repentinamente, mas estes alunos, que tiveram o seu primeiro contato com os esclarecimentos propostos pela oficina do Subprojeto Pibid de História perceberam a representatividade, a imposição e o forte discurso que a arte possui – uma área pouco explorada. Para eles, alunos do ensino fundamental, a arte como linguagem discursiva direcionada ao negro, afrodescendente era algo distante demais para alcança-los, mas através desta oficina tiveram contato com duas formas de representação negra e em uma delas encontraram seu cotidiano.

Figuras 06 e 07: Oficina Pibid



## Referências

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:**

**Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade.** Tradução: Heloíza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa, Gênese Andrade. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARDOSO, Maria Helena Abadesca. **Das obscuras Cavernas da Pré-história aos Modernos grafites da Cidade.** Rio de Janeiro: Editora Barra, 2016.

FARIAS, Elton J.S; SILVA, Paloma Porto. **Uma análise do livro didático de história: problemas e possibilidades.** Universidade federal de campinas.

FREIRE, Américo; MOTTA, Marly Silva da; ROCHA, Dora. **Coleção aprender. História em curso: o Brasil e suas relações com o mundo ocidental.** São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

GIITAHY, Celso. **O que é Graffiti – Coleção Primeiros Passos.** São Paulo: Editora brasiliense, 1999.

LUPORINI, Teresa Jussara. **Memórias e fontes iconográficas: Os desafios para a pesquisa em história da educação.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba: V.5, N°14, p.147-175 jan./abr.2005

MOLINA, Lucas Giehl. **Da prática à teoria: O método iconológico de Erwin Panofsky (1921,1939,1955).** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul instituto de filosofia e ciências humanas departamento de história. Monografia. 2010.

PANOFSKY, Erwin. **Estudo de iconologia.** Lisboa: Editora Estampa, 1986

PELLEGRINI, Marco Cesar; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keilla. **Vontade de Saber História.** Ensino Fundamental, 7º Ano. Londrina, Pr: Editora FTD Educação, 2016.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RUGENDAS Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil.** São Paulo: Linoart 1953.

VAZ, Paulo Bernardo **Quem é quem nessa História? Iconografia no livro Didático”, in: FRANÇA, Vera Regina Veiga (Org.). **Imagens do Brasil: modos de conviver.** Belo Horizonte: Editora Autêntica – 2002**